



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ROSANA FIGUEIREDO DO NASCIMENTO SOUSA

**A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA SURDA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
CAMPINA GRANDE: LIMITES E DESAFIOS**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

ROSANA FIGUEIREDO DO NASCIMENTO SOUSA

A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA SURDA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
CAMPINA GRANDE: LIMITES E DESAFIOS

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Departamento de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB), em cumprimento às
exigências e normas para obtenção do
título de Licenciatura Plena em
Pedagogia.

Orientadora: Esp. Maria do Socorro Leal
Cabral

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

N244i

Sousa, Rosana Figueiredo do Nascimento.

A inclusão de uma criança surda em uma escola pública de Campina Grande [manuscrito]: limites e desafios./ Rosana Figueiredo do Nascimento Sousa. – 2012.

39 f.: il: color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Esp. Maria do Socorro Leal Cabral, Departamento de Educação”.

1. Inclusão social. Surdez. 2. Criança. 3. Educação. 4. Escola pública. I. Título.

21. CDD 302.14

Trabalho de Conclusão de Curso, A inclusão de uma criança surda em uma escola pública de Campina Grande: limites e desafios, apresentado por Rosana Figueiredo do Nascimento como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, outorgado pela Universidade Estadual da Paraíba.

APROVADO EM: 08 / 05 / 2012

BANCA EXAMINADORA

Maria do Socorro Leal Cabral

Profª. da UEPB. Maria do Socorro Leal Cabral, Esp.

(Orientadora)

Adenise Queiroz, Ma.

Profª. da UEPB. Adenise Queiroz, Ma.

(2º Membro)

Christinne Ferreira Silva Oliveira

Profª. da UEPB. Christinne Ferreira Silva Oliveira, Esp.

(3º Membro)

A minha amiga Juliana Rocha, por não me deixar desistir jamais dos meus sonhos e aos meus filhos Leidiane, Pâmella e Rhennan Nascimento, por serem meu ponto de apoio no qual me dar forças para lutar pelo que desejo para meu futuro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, de modo especial a Deus por tudo que tem feito por mim, e a minha amiga Juliana Rocha pelo carinho, atenção e contribuição para realização deste trabalho.

A minha Orientadora Socorro Leal, pela sua dedicação e contribuição para que fosse possível a realização deste sonho.

Aos meus filhos, Leidiane, Pâmella e Rhennan Nascimento, pelo amor e força moral que me proporcionaram, auxiliando-me a chegar até aqui.

Ao meu amigo Damião Araújo, pelo carinho e força moral que tem me ofertado durante todo o tempo de realização deste trabalho.

“Afirmar culturalmente as pessoas Surdas é respeitar a luta historicamente construída e socialmente estabelecida e se opor às ações homogeneizadoras das políticas educacionais.”

(Ana Dorziat)

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito de investigar e contribuir para a reflexão acerca da inclusão da criança Surda em uma Escola de Ensino Fundamental na cidade de Campina Grande. Priorizando a questão das dificuldades encontradas pela aluna Surda na sala de aula e a sua completa inclusão. Buscando enfatizarmos nessa proposta os vários fatores que determinam a Surdez destacando as causas de nascimento e as causas adquiridas, e também mostrando os problemas que a criança Surda enfrenta no seu dia-a-dia escolar, suas limitações como o da instituição e o que o sistema educacional e governamental tem feito desde o fator físico e pedagógico para ajudar na inclusão desta. Destacando assim a Surdez e sua existência visual, demonstrando o Surdo e sua trajetória escolar, e os modelos educacionais criados a partir de 1755 até a conquista do Surdo no atual sistema de ensino relatando os limites e desafios de uma aluna surda em uma sala de aula inclusiva. **Objetivos** Assim, este estudo teve o propósito de investigar as formas de inclusão de uma criança Surda em uma escola regular da rede municipal de Campina Grande; objetivando, especificamente, observar os limites e necessidades da professora na condução deste processo, verificando as condições existentes para que a criança Surda desenvolva sua competência escolar, capacidade de raciocínio e de adaptação as diferentes situações do cotidiano. **Metodologia** Este trabalho trata-se de um estudo qualitativo constituído como estudo de caso, foi realizado na Escola CEAI - Centro de Educação Integrado Dr. Elpídio de Almeida, localizada na Rua Joaquim Amorim Júnior S/N, Bairro da Ramadinha II, Campina Grande – PB. A coleta de dados foi realizada através da aplicação de um questionário destinado a uma professora, baseado no tema: “A Inclusão de uma Criança Surda em uma Escola Pública de Campina Grande: Limites e Desafios”. Neste questionário foram feitas 8 perguntas, com o objetivo de averiguar as formas de inclusão de uma criança Surda em uma escola regular, na qual 99% dos alunos são ouvintes.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Surdez. Política Inclusiva.

ABSTRACT

This research was developed in order to investigate and contribute to the debate about the inclusion of deaf children in a elementary school in the city of Campina Grande. Focusing on the issue of difficulties faced by deaf students in the classroom and their full inclusion. This proposal seeks to highlight the various factors that determine the causes of deafness outlining the birth and acquired causes, and also showing the problems that deaf children face in their day to school day, as the limitations of the institution and the system education and government has done since the physical factor and teaching to help the inclusion of this. Thus underscoring the Deaf and its visual existence, demonstrating the deaf and their school, and education model built from 1755 until the conquest of the deaf in the current education system reporting the limits and challenges of a deaf student in a classroom inclusive. **Objectives** This study aimed to investigate ways of including a deaf child in a regular school in the municipal Campina Grande, aiming specifically to observe the limits and needs of the teacher in conducting this process, verifying that the conditions exist for Deaf children develop their academic skills, reasoning ability and adaptation to different everyday situations. **Methodology** This work is a qualitative study constituted as a case study was conducted at the School CEAI - Centre for Integrated Education Dr. Elpidio de Almeida, located at Rua Joaquim Amorim Junior S / N, the District Ramadinha II, Campina Grande - PB. Data collection was performed by applying a questionnaire to a teacher, based on the theme: "Inclusion of a deaf child in a Public School from Campina Grande: Limits and Challenges." In this report were eight questions, with the aim of investigating ways of including a deaf child in a regular school, where 99% of the students are listeners.

KEYWORDS: Inclusion. Deafness. Inclusive Policy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Imagem Ilustrativa da fachada da Escola CEAI – Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011	30
Fotografia 2 - Imagem Ilustrativa da professora da aluna Surda da Escola CEAI – Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011	31
Fotografia 3 - Imagem Ilustrativa da aluna Surda com a Diretora da Escola CEAI – Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011	31
Fotografia 4- Imagem Ilustrativa da sala de aula da aluna Surda da Escola CEAI – Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011.....	32
Fotografia 5 - Imagem Ilustrativa da aluna Surda em sala de aula na Escola CEAI – Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011.....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	A SURDEZ, O SURDO E SUA EXISTÊNCIA VISUAL	13
2.2	MODELOS EDUCACIONAIS PARA PESSOAS EM CONDIÇÃO DE SURDEZ	18
2.2.1	A Inclusão na Escola Regular	22
2.3	A REALIDADE EDUCACIONAL DE UMA ALUNA SURDA. OS LIMITES E DESAFIOS.....	24
3	METODOLOGIA	27
3.1	TIPO DE PESQUISA	27
3.2	LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA PESQUISADA	27
3.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA	27
3.4	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	28
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICES	36
	APÊNDICE A – Questionário	37

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre a inclusão é falar da acessibilidade dada ao ser humano para que ele possa ser incluído, independentemente da sua condição ou limitação. E no caso do Surdo não é diferente, pois a Surdez é uma condição visual, na qual o Surdo dispõe de várias qualidades que os coloca com a mesma eficácia da pessoa ouvinte e, assim a sua inclusão em sala de aula é uma conquista dada a este por lei e, portanto, deve ser cumprida.

O interesse por esse tema surgiu com a necessidade de conhecer como tem sido desenvolvido na escola regular de Campina Grande o processo de inclusão de uma aluna Surda, e a partir desta discussão percebemos a grande contradição que é o sistema inclusivo de nossa instituição.

Assim, o presente TCC “A Inclusão de uma Criança Surda na Escola Pública de Campina Grande: Limites e Desafios” iniciou-se com a necessidade de conhecer como tem sido realizado o projeto de inclusão, na qual a aluna Surda está inserida, buscando através dos dados coletados mostrar primeiramente os fatores que determinam a Surdez, e as condições oferecidas aos surdos desde antes de 1750, quando sua condição lhe custava a inferioridade frente a sociedade da época, até os dias atuais, demonstrando a sua conquista por reconhecimento cultural. Destacando nesta pesquisa os Modelos Educacionais, as Escolas Especiais criadas a partir de 1855, a Língua de Sinais e a Língua Oral que predominou por um longo tempo, as consequências que acarretou ao Surdo com o Congresso de Milão. Focando também o modelo Educacional Inclusivo criado a partir de 1994 com a declaração de Salamanca que reafirma o direito de todas as pessoas a educação. E, ainda, a realidade educacional de uma aluna surda, os limites e as necessidades, deste modo, mostrando como tem sido o acesso desta aluna em seu desenvolvimento educacional e os fatores contraditórios desta proposta inclusiva.

Assim, este estudo teve o propósito de investigar as formas de inclusão de uma criança Surda em uma escola regular da rede municipal de Campina Grande; objetivando, especificamente, observar os limites e necessidades da professora na condução deste processo, verificando as condições existentes para que a criança Surda desenvolva sua competência escolar, capacidade de raciocínio e de adaptação as diferentes situações do cotidiano.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A SURDEZ, O SURDO E SUA EXISTÊNCIA VISUAL

A Surdez¹ é uma condição visual na qual o Surdo desenvolve suas habilidades de comunicação e linguagem através de sua capacidade visual.

Clinicamente são vários fatores que determinam a Surdez, alguns são de causa hereditária e outros advindos de causas adquiridas.

Assim, de acordo com José e Coelho (2008, p.151-152) temos as seguintes situações:

As causas de nascimento podem ser: hereditariedade, incompatibilidade sanguínea entre a mãe feto (fator RH); má formações: doenças infecciosas maternas (rubéola, sífilis, etc.) intoxicações exógenas da mãe (álcool, antibióticos, talidomida, anestesia prolongada, etc.). [...]

As causas de surdez e de perdas auditivas adquiridas durante a vida podem ser devida a: obstrução da trompa de Eustáquio: otites, infecções (tifo, caxumba, meningite, encefalite, sarampo, etc.); inflamação, tumores, traumas, intoxicações (as mais frequentes são por medicamento).

Quando falamos em medicamentos, estamos nos referindo às drogas ototóxicas (está correto) que provocam Surdez em alguns indivíduos, esses remédios são muitas vezes passados pelos médicos na necessidade de curar algumas doenças (quimioterápicos, antibióticos da família dos aminoglicosídeos, etc), mas que acabam por acarretar a Surdez.

Embora nem sempre possam ser evitados, os remédios ototóxicos devem ser ingeridos com conhecimento médico para evitar problemas. O ideal é que, antes do tratamento, sejam feitos exames para verificar se já existe alguma lesão que possa se agravar com o uso do remédio. (TERRA, 2008)

Ao longo da história foi cristalizada a visão da surdez como uma deficiência que impossibilitava a pessoa. Assim, quando a pessoa nascia Surda ou adquiria a surdez ao longo de suas vidas, era colocada em escolas especiais para aprender a falar como as outras crianças, pois eram consideradas anormais. Nesse modelo existencial a visão era de que havia pessoas normais, capazes e pessoas anormais, incapazes. Para este segundo grupo era necessário processos escolares de reabilitação.

¹ O "S" maiúsculo será usado como forma de marcar uma concepção política de Surdez, vista para além do fator biológico.

Este processo de reabilitação tinha o objetivo de fazer com que a criança Surda obtivesse as mesmas condições de realizar as tarefas com o mesmo êxito que a criança ouvinte, fazendo com que não se notasse a sua falta de audição. Portanto, desde essa época o Surdo vem construindo sua cultura através de muita luta para ser reconhecido como sujeito normal (sujeito normal? Não seria melhor capaz, uma vez que normal é pejorativo e excludente).

Antes de 1750 a surdez era vista como uma anomalia, pois aquelas pessoas eram consideradas fora dos padrões normais, uma pessoa sem muita utilidade. Nesse momento, apenas algumas pessoas Surdas de classe mais alta conseguiam ser escolarizadas. Assim, antes do século XVIII a grande maioria não tinha esperança de alfabetização ou educação, menos ainda se fossem de cidades pequenas ou pertencessem à classe econômica baixa.

Em 1799 observamos através da trajetória do Surdo, no livro de Oliver Sacks (1998), a história de um menino que era considerado pela sociedade da época como um selvagem, sendo assim um caso ideal para ser investigado. Todos acreditavam que esse menino era um primitivo incapaz de aprender qualquer coisa. Percebemos que a surdez para muitos, nesta época, era vista como uma doença, doença essa que prejudicava o ser humano, pois os surdos eram deixados de lado, sendo desacreditados como pessoas que pudessem se desenvolver.

Posteriormente, mais precisamente depois da segunda metade do século XVIII, várias iniciativas de educação de Surdos são publicadas. No entanto, um dos fatores que mais prejudicavam o desenvolvimento educacional dos Surdos era o fator econômico, porque, nesse período, sem condições financeiras ficava muito mais difícil colocar os Surdos nas escolas especiais. A educação do Surdo que não possuísse alto poder aquisitivo ficava a mercê da família. Não se aprendia muito. apenas os gestos caseiros. e assim esse Surdo vivia no mais profundo isolamento.

A transformação no acesso a educação se inicia com a fundação da primeira escola pública para Surdos no mundo, em Paris, França, em 1765, pelo Abade Michel De L'Epeé. O acesso à educação nessa escola era por meio do gestualismo, sistema de comunicação gestual utilizado pelos Surdos pobres de Paris (SACKS, 1998). Nessa época apesar do gestualismo ser considerado por L'Epeé como relevante para a educação dos Surdos, esse modelo ainda não era considerado como se constituindo como uso de uma língua, pois a língua de sinais ganhou *status*

de língua apenas em 1965, com as pesquisas realizadas por Willian Stokoe, com a língua de sinais americana (ASL).

A realidade de educação gestual nos séculos XVIII e XIX não era homogênea, pois no período também haviam experiências educacionais que buscavam oralizar os Surdos. De acordo com Sacks (1998) estas experiências eram vividas principalmente na Inglaterra, Alemanha e Portugal.

Após vários anos de debates acerca do melhor processo educacional para os Surdos, em 1880, é decretado em um congresso (conhecido como Congresso de Milão) no qual apenas os professores e profissionais ouvintes puderam votar, que a sinalização é prejudicial ao desenvolvimento dos Surdos e que a língua oral é a única forma boa de o Surdo viver em sociedade e na escola.

Temos também outro Surdo que fez história no livro de Sacks que foi David Wright, este tendo vivido no século XX. Conta o livro que ele ficou Surdo depois de ser alfabetizado, por volta dos sete anos. Este fato contribuiu com sua capacidade de se desenvolver com mais facilidade em uma escola especial e sua condição de Surdo pós-linguístico² também facilitava a sua aprendizagem. O contexto de educação oral não o prejudicou completamente. Em relato de vida, ele contou sua história junto a outros Surdos em sua educação escolar.

Mostrando o desenvolvimento de um Surdo pré-linguístico e um Surdo pós-linguístico, Wriqth coloca que o modelo de educação oral é fundamentalmente prejudicial para as crianças Surdas pré-linguísticas, pois lhes impede o desenvolvimento pleno da linguagem e conseqüentemente de seu pensamento.

E assim Sacks fortalece esse mesmo ponto que iniciamos, a surdez dependendo de onde vivemos e com quem vivemos tem muita influência principalmente com a família pois a família é uma base forte para o Surdo na qual eles se apóiam.

Somente com a língua de sinais o Surdo consegue abrir espaço para a sua cultura deixando de lado a posição na qual, a sociedade o colocara, posição essa que fazia o Surdo se sentir menor que as pessoas ouvintes.

Conforme Lima (2008, p.44):

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda é uma forma de

² Pós-linguístico é o termo utilizado para os surdos que ficaram nesta condição após o período de aquisição da linguagem, ou seja, após os dois, três anos de idade. Para os surdos que nascem surdos ou que ficam surdos até os três anos o termo que os designa é pré-linguístico.

comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

Libras³ é o instrumento que abre a oportunidade do Surdo participar da vida ativa em todos os sentidos, podendo se comunicar com o mundo ouvinte e também com sua cultura. Cultura essa que o surdo busca o seu reconhecimento para que todos possam ter acesso e possam descobrir o que é ser surdo, e assim a surdez deixa de ser uma deficiência e passa a uma diferença cultural, ou seja, a pessoa Surda sai desta qualidade de incapaz e passa a mostrar para o mundo as suas habilidades visuais com as quais eles desenvolvem suas vidas. Atualmente, o Surdo vem adquirindo muito mais que um pequeno espaço em meio à sociedade se posicionando como um sujeito capaz de realizar vários feitos deixando de lado a discriminação e o preconceito que acompanhava a vida do Surdo desde muito tempo passado, procurando apresentar para a sociedade suas qualidades e buscando cada vez mais acessibilidade em todos os lugares.

Hoje é muito mais comum em meio à sociedade encontrarmos Surdos com doutorados atuando em todos os âmbitos profissionais, enquanto que no passado o meio profissional acadêmico era geralmente preenchido por pessoas ouvintes.

A surdez para algumas pessoas ainda é uma deficiência, isto por falta de esclarecimento desta, pois o Surdo tem procurado mostrar através de suas lutas que é capaz de realizar tudo quanto desejarem.

Sua cultura hoje é bastante conhecida, a cultura Surda se expressa no Surdo e em seu convívio com as pessoas com as mesmas qualidades. É o elemento cultural, ou seja, a forma comum de resolver suas questões diárias que facilita a comunicação entre os Surdos, meio básico através do qual eles podem sentir-se vivendo no mesmo espaço, compartilhando os mesmos medos, problemas, soluções, conhecimentos e desenvolvimentos.

Uma cultura em busca de novos caminhos, caminho este de valores e crenças onde eles possam viver sem ser apontados como anormais e sim como existentes visuais capazes de desenvolver suas habilidades através da visão que lhe permite o mesmo desempenho de uma pessoa ouvinte.

De acordo com Perlin e Miranda (2003, p. 218):

³ LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais.

Experiência visual significa a utilização da visão em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia da leitura.

O Surdo usando sua condição visual conhece as coisas através de sua língua que é gestual-visual, assim, por meio dela, tudo quanto ele pode ver, pegar e comunicar é possível de ser apreendido, isso facilita seu desenvolvimento.

É muito importante conhecer um pouco do mundo Surdo para que se possa compreender de fato o que é ser Surdo. A população tem números maiores de ouvintes e a surdez fora do discurso da deficiência é desconhecida por muitos. O Surdo hoje procura demonstrar o quanto lutou ao longo de sua história pela valorização de sua língua e cultura.

Uma conquista cheia de sofrimento, pois foi assim que o Surdo abriu caminho para inserir a sua cultura em meio aos ouvintes. A questão da surdez muitas vezes nos leva a pensar nas dificuldades destes por seu espaço. Histórias de vida contadas por muitos Surdos nos mostram o quanto eles foram excluídos e discriminados por toda a sociedade, inclusive por suas próprias famílias. De acordo com (LANE, 1992, p.26): “É comum as pessoas deduzirem que os Surdos vivem isolados e que para se integrar é preciso adquirir a cultura ouvinte isto é, para viver “normal”, segundo a sociedade é preciso ouvir e falar”.

A perspectiva da cultura surda hoje é mostrar a sua história através do tempo, e suas conquistas explorando o seu conhecimento e experiências vividas em meio ao povo ouvinte.

Dando ênfase à visão do outro sobre o Surdo, o que o ouvinte pensa da surdez? E como viver em meio a tantas divergências? Divergências essas criadas pelo povo ouvinte que insiste em acreditar que a surdez é uma deficiência na qual o sujeito se torna desqualificado para realizar suas atividades cotidianas.

A cultura Surda tem o intuito de inserir seus modos e costumes, afim de que o mundo ouvinte se torne mais acessível, onde eles possam viver em perfeita harmonia mesmo com suas diferenças.

Uma cultura que mostra sua arte através da visão, por meio da qual eles expressam suas vontades e opiniões em suas vidas através de suas histórias.

Descreve a pesquisadora surda:

[...] As identidades surdas são construídas dentro de representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social (PERLIN, 2004, p. 77-78).

Portanto, o Surdo demonstra através da sua arte o modo como eles são aceitos perante a sociedade e como o povo ouvinte percebe a sua cultura Surda. Devido a essa visão é que o Surdo procura mostrar a sua qualidade em forma de artefatos culturais, esclarecendo que uma cultura pode ser notada pelas normas, roupas, tradições, entre outras. E com isso a cultura Surda é percebida pela forma que eles se comunicam entre si, deixando claro que a falta de audição não os impedem de ver e apreciar a vida como qualquer um sujeito.

O que seriam artefatos culturais? A maioria dos sujeitos estão habituados a apelidar de “artefatos” os objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais, de fato, não são só formas individuais de cultura materiais, ou produtos definidos da mão-de-obra humana; também pode incluir “ *tudo o que se vê e sente*” quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, tais como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc. (STROBEL, 2008, p. 37).

O povo Surdo hoje enxerga a sua cultura como uma grande vitória alcançada ao longo de suas vidas, uma vitória cheia de histórias nas quais mostram a trajetória do Surdo em meio a tanta luta, onde conseguiram realizar vários feitos através de suas atuações na arte e na literatura.

2.2 MODELOS EDUCACIONAIS PARA PESSOAS EM CONDIÇÃO DE SURDEZ

Falar dos modelos educacionais para Surdos não é uma questão muito fácil, pois temos que buscar algumas raízes na história por volta do século XVIII, quando já havia em alguns países escolas especiais. O Surdo passou por muitas modificações, principalmente no campo educacional. No início de nossa história o Surdo era visto pela Sociedade Antiga como um indivíduo sem valor, ou seja, como um animal trancafiado em seus lares e até em alguns lugares mortos.

A rigor a história em todo mundo. Nas civilizações grega e romana, por exemplo, as pessoas surdas não eram perdoadas, sua condição custava-lhes a vida. Posteriormente, há o reconhecimento de que não há surdez absoluta e que os restos auditivos podem ser utilizados e desenvolvidos. No

entanto, as pessoas surdas, ao longo do caminho enfrentam descrédito, preconceito, piedade e loucura (SALLES, et al., 2004, p. 54).

A partir do século XVIII, surgiram os primeiros educadores de Surdos na Alemanha, sendo eles: o alemão Samuel Heinek (1729-1970), o abade Francês Charles Mi de L'Epée (1712-1788) e o inglês Thomas Bradwood (1715-1806). Cada um desses educadores tinha uma metodologia diferente, no entanto, em 1755 foi fundada a primeira escola para Surdo pelo abade L'Epée, e no Brasil a primeira escola para Surdo foi no Rio de Janeiro no ano de 1855, fundada pelo Francês Ernest Huet, e essa escola iniciou seu trabalho bem na época que o Surdo não era considerado um cidadão normal.

Nesse sentido as escolas especiais criadas a partir do ano de 1855 no Brasil tinham o uso da língua de sinais e também a língua oral, mas com o predomínio da língua de sinais.

Segundo Doziart (2011, apud SACKS, 1998, p. 119-120):

[...] L'Epée não tolerou a idéia de "as almas dos surdos-mudos viverem e morrerem sem ser ouvidas em confissão, privadas do Catecismo, das Escrituras e da Palavra de Deus". Por isso, ele acreditava que o modo mais simples e "curto" para os surdos aprenderem seria através do uso e desenvolvimento de sua própria língua.

Com isso observamos que a metodologia utilizada para ajudar o Surdo em seu desenvolvimento educacional, tinha um bom aproveitamento, alguns conseguiram até atingir um grau de aprendizagem alta, pois a língua de sinais para o Surdo foi uma das primeiras conquistas que permitiu ao Surdo a possibilidade de ser reconhecido como um ser normal. Contudo, essa conquista era apenas para uma pequena parcela da sociedade, como já vimos anteriormente nem todos podiam ter uma educação de qualidade, pois a questão financeira não os deixava. Portanto, aqueles que tinham um padrão de vida alto podia ter o direito ao ensino especial.

Quando falamos da escola especial nos referimos a uma educação de qualidade, com professores capacitados, bilíngues, que dominem a língua de sinais e a língua oral. Além disso, as escolas especiais tinham classes com estruturas pedagógicas e físicas adequadas ao aluno Surdo, além de profissionais de saúde como psicólogos, fonoaudiólogos, recursos necessários para ajudar o aluno em seu desempenho escolar. Esse era o modelo educacional com o qual o aluno Surdo contou por um período, mas isso não durou por muito tempo, pois em 1880 foi

elaborado um congresso em Milão por professores oralistas, e neste congresso os professores Surdos foram deixados de lado, portanto a discussão ocorrida deste congresso foi à questão da retirada da língua de sinais.

Os termos propostos foram: Vantagens e desvantagens do internato tempo da instrução, número de alunos por classe, trabalhos mais apropriados aos surdos, enfermidades medidas, medidas curativas e preventivas, etc. Apesar da variedades de termos, as discussões voltaram-se as questões do oralismo e da língua de sinais (BORNE, 2002, p.51).

No entanto a conclusão tomada neste congresso foi o final da língua de sinais, e, com isso, as escolas especiais tiveram uma queda muito grande no ensino do Surdo e a partir desta decisão o Surdo passou por mais um desajuste no seu desenvolvimento educacional, fazendo com que estes passassem mais uma vez pelo sintoma de inferioridade, pois essa decisão deu ao aluno Surdo mais 100 anos esquecido, para se ter uma idéia deste acontecimento 75% dos alunos que entrava na escola, apenas 5% chegava ao ensino superior.

Para Salles (et al. 2004, apud FACHINNI, 1981, p. 56):

[...] Skliar argumenta que todas essas transformações foram produtos de interesses políticos, filosóficos e religiosos, e não educativos. Afirma ainda que essa concepção em que a educação é subordinada ao desenvolvimento da expressão oral, enquadra-se com perfeição no modelo clínico terapêutico da surdez, valorizando a patologia, ou déficit biológico.

Percebemos que os professores oralistas desta época dava mais valor para questão da fala, e não para escrita ou a leitura, porém a metodologia utilizada nas escolas com ensino da língua oral é fazer com que os alunos Surdos desenvolvam a fala para aprender a se comunicar uns com os outros alunos, a intenção deste sistema era que a surdez não fosse notada, mas isso dificultou cada vez mais a vida do aluno Surdo na escola.

Conforme Salles (et al. 2004, apud SACKS, 1990, p.56): “oralismo e a supressão do sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral”.

Este modelo educacional das escolas de 1880, que teve a predominância da língua oral, durou até o movimento de alguns professores Surdos que fizeram de tudo para que a língua de sinais voltasse a ser usada nas instituições de ensino para Surdos. Contudo, esta proposta só foi possível depois de 1970, onde a língua de sinais voltou a ser utilizadas pelos Surdos nas escolas. Portanto, o bilinguismo

também fortalece a busca em resgatar o direito das pessoas Surdas de ser ensinada em sua língua de sinais.

A educação bilíngüe é uma proposta de ensino que preconiza o acesso a duas línguas de sinais como língua natural e partindo desse pressuposto para o ensino da língua escrita. A proposta bilíngüe busca resgatar o direito da pessoa surda de ser inserida em sua língua, a língua de sinais levando em consideração os aspectos sociais e culturais em que está inserida (SALLES, et al. 2004, p.57).

Como já notamos através de estudos a educação especial passou por muitas modificações no campo educacional, iniciou o ensino ao Surdo com a língua de sinais, depois a língua oral que predomina com o congresso realizado na Itália, em 1880 até os anos de 1970, quando foi possível a volta da língua de sinais que havia sido banida do sistema de ensino, mas o marco mesmo da educação de Surdos e nosso foco principal é a Lei de Salamanca, criada em 1994, que permite ao Surdo a possibilidade de ser inserida nas escolas regulares.

O movimento da chamada *educação inclusiva*, que emerge apoiado pela declaração de Salamanca¹ (1994), defende o compromisso que a escola deve assumir de educar cada estudante, contemplando a pedagogia da diversidade, pois todos os alunos deverão estar dentro da escola regular independente de sua origem social, étnica ou lingüística (CEDES, n.69, 2006, p. 167).

Neste contexto iremos falar sobre o modelo educacional criado a partir de 1994, destacando a importância deste sistema. Assim sendo, a proposta apresentada nesta lei é fazer com que todas as pessoas tenham direito a uma educação de qualidade, não importando a classe social ou origem cultural.

Muitos estudiosos acreditam que a inclusão é uma forma de oferecer a todos os alunos oportunidades de uma educação pautada no respeito à diferença. Quando falamos em inclusão, nos referimos a escolas preparadas, ou seja, incluída nos modelos educacionais antigos também com classes especiais, pois o sistema inclusivo é também a conjunção da escola regular, com a escola especial, pois a união destas duas instituições de ensino oferecerá, ao aluno Surdo, muito mais chances de ser incluído na vida escolar e social.

2.2.1 A Inclusão na Escola Regular

A inclusão hoje não é muito comum nas escolas regulares, porém é necessário para o aluno Surdo, pois incluir é dar acesso a todos às pessoas não

distinguindo classe ou idade, nem tampouco o sexo da pessoa. Pois, incluir é ir muito além de que uma simples educação.

O desafio da educação inclusiva consiste em atribuir o devido peso a ambos princípios e mantê-los numa relação de equilíbrio isto é, possibilitar a educação comum, sem menosprezar o atendimento dos alunos em suas necessidades específicas (BEYER, 2006, p. 37).

A proposta da Lei de Salamanca é um dever a nós colocado e que deve ser cumprido, com o propósito de ajudar aqueles que antes não tinha nenhum direito, direito este que deve ser dado a qualquer cidadão, e que também fortalece a luta do Surdo para ser reconhecido como cultura e não como deficiente.

Segundo Dorziart (2009, apud LAPLANE, 2009, p. 68):

Chama atenção para o fato de que o documento anteriormente citado busca incorporar as críticas à rigidez histórica do sistema de ensino e as exigências tradicionais de que os indivíduos se adaptem a eles, atribuindo as escolas amplos poderes, desde o combate a atitudes discriminatórias à construção de uma sociedade integradora.

Se observarmos a nossa sociedade iremos notar as diversas culturas, cada uma com seus costumes e formas diferentes de viver, portanto cada um com o mesmo direito a viver e construir seu futuro, assim enfrentando desafios mesmo com dificuldades comuns a todos.

Quando falamos de inclusão percebemos que a lei que dá direito ao aluno a uma escola de qualidade, com professores preparados é só um sonho, ou pelo menos está só no papel assinado na lei de 1994, pois na prática não está funcionando. Sabemos que as instituições de ensino tem o dever de aceitar o aluno Surdo na sala de aula, mais a pergunta que nos faz questionar, será que a educação está sendo cumprida a favor do aluno? Ou é para cumprir a Lei de 1994, colocada em nossa política educacional.

Para entendermos melhor essa questão devemos observar nossas escolas, será que temos como incluir o aluno Surdo em nosso sistema educacional?

A primeira condição para educação inclusiva não custa dinheiro: ela exige uma nova forma de pensar. Precisamos entender que as crianças são diferentes entre si elas são únicas em sua forma de pensar e aprender. Todas as crianças, não apenas as que apresentam alguma limitação ou deficiência são especiais. Por isso também é errado exigir de diferentes crianças o mesmo desempenho e lidar com ela de maneira uniforme (BEYER, 2006, p. 28-29).

Esse é o grande problema, a escola tem por obrigação incluir o aluno Surdo, mas como fazer isso sem um devido projeto de inclusão, na qual todos possam participar, quando falamos todos nos referimos a todo corpo diretivo da escola e também a comunidade que precisa estar envolvido neste sistema educacional.

Inclusão não é somente colocar o aluno Surdo na sala de aula, e sim dar suporte para que seja possível uma educação de qualidade, mas como realizar esse feito se nem mesmo temos uma educação de qualidade em nosso sistema de ensino?

Quando observamos nossas escolas, percebemos o quanto nossa instituição de ensino é falha o quanto é necessário uma mudança na quais todos possam ser incluídos.

A prática de muitos anos de acompanhamento de crianças surdas permite afirmar que infelizmente a maior parte das inclusões escolares de surdos é pouco responsável. A escola se mostra inicialmente aberta para receber a criança (também por que há a força da lei que diz que a escola deve está aberta à inclusão), discute as características da criança no momento de sua entrada e, depois, a insere na rotina, sem qualquer cuidado especial (CEDES, n.69, 2006, p. 176).

O aluno hoje passa por muitas dificuldades tanto com a estrutura física como pedagógica, é a falta de recursos para desenvolver a aprendizagem dos alunos, e a falta de professores na rede de ensino regular, porém como podemos incluir o Surdo se nem mesmo podemos incluir os alunos que já estão na escola, isso são fatores reais.

O modelo educacional inclusivo é muito mais complexo do que imaginamos, pois engloba aspectos muito mais importantes do que é passado à sociedade.

A questão da inclusão não é algo que envolve apenas surdez, mais se refere a uma reflexão mais ampla da sociedade, buscando forma de melhor se relacionar com sujeitos de outra cultura, que falam outra língua, que professam outra fé religiosa entre outros (CEDES, n.69, 2006, p.180).

Para iniciar um sistema de inclusão são necessárias escolas preparadas com salas especiais dedicadas ao aluno Surdo com profissionais capacitados, professores bilíngües que saibam tanto a língua de sinais como a língua portuguesa, mas com tudo isso ainda não podemos dizer que é um sistema inclusivo, pois a inclusão deve ser natural, não como uma imposição a nos colocado.

O Surdo precisa ser reconhecido com uma nova identidade, uma nova cultura, ou seja, uma pessoa comum que precisa ser aceita com suas diferenças, uma diferença que precisa ser respeitada, e respeitar a diferença é dar acesso ao aluno Surdo a uma educação comum a todos, respeitando a individualidade de cada um destes.

2.3 A REALIDADE EDUCACIONAL DE UMA ALUNA SURDA: OS LIMITES E DESAFIOS

Ao se falar da realidade educacional de uma aluna Surda precisamos, primeiramente, mostrar com clareza o que a política educacional inclusiva propõe ao aluno Surdo nas instituições de ensino, e o que tem sido feito nas salas de aula para que este aluno se sinta inserido de forma concreta e real.

A implementação da inclusão tem como pressuposto um modelo no qual cada criança é importante para garantir a riqueza do conjunto, sendo desejável que na classe regular estejam presentes todos os tipos de alunos, de tal forma que a escola seja criativa no sentido de buscar soluções visando manter diversos alunos no espaço escolar, levando-os a obtenção de resultados satisfatórios em seu desempenho acadêmico e social (CEDES, 2006, p.167).

Sabemos que a Lei que permite o direito ao aluno ser aceito na escola regular existe, e esta oferece ao aluno Surdo direito a educação de qualidade com professores preparados, no qual seu desenvolvimento escolar tenha prioridade do estado. Porém, esta política educacional não está sendo cumprida como deveria.

Notamos que a política de inclusão é muito nobre no papel, entretanto com uma proposta que não condiz com a realidade, pois nossas escolas não têm preparação para receber alunos Surdos, são salas de aulas com números altos de alunos, com professores sem o conhecimento necessário sobre a questão surdez, temos também a falta de aulas de língua de sinais que não é dada para os professores nas escolas e nem mesmo temos recursos necessários para trabalhar com alunos surdos nas salas de aula.

A fragilidade das propostas de inclusão, neste sentido, reside no fato de que, frequentemente, o discurso contradiz com a realidade educacional brasileira, caracterizada por salas super lotadas, instalações físicas insuficientes, quadros docentes cuja formação deixa a desejar. Essas condições de existência do sistema educacional põem em questão a própria

idéia de inclusão como política que simplesmente, propõe a inserção dos alunos nos contextos escolares presentes (CEDES, 2006, p. 168).

Nota-se, através deste processo de inclusão, que a possibilidade que dar o direito ao aluno a estudar nas escolas regulares não está levando em consideração a necessidade do aluno Surdo, assim observa-se que o nosso sistema educacional põe em dúvida a questão da inclusão em si, no que se refere à inserção deste aluno nas respectivas salas de aula, e com base nessa proposta inclusiva notamos o quanto é prejudicado o aluno em seu desenvolvimento educacional.

Uma inclusão que considera aceitável atropelar e limitar potenciais e dificultar o acesso ao conhecimento a cidadania é paradoxal com os próprios princípios educacionais. Por isso, ao invés de colaborar visões preconceituosas e estereotipadas, a escola deve procurar vias de mostrar a sociedade que os alunos independente de suas diferenças, podem ser bons aprendizes, se lhes forem propiciadas condições através de uma educação apropriada. Pelo contrario, o que se observa nos sistemas de ensino é o total descaso com a vida e os valores de seus educandos (DORZIART, 2009, p. 69).

A realidade que acompanha o aluno Surdo em nossas instituições de ensino é desanimadora, pois a escola não tem a devida estrutura para a inserção destes alunos, portanto a política educacional inclusiva faz com que o profissional trabalhe de forma incompleta e injusta com o próprio aluno e também com nossos educadores que acabam se sentindo impotente em sua tarefa.

Ao inserir o aluno Surdo em sala de aula o mínimo que devemos fornecer a este é a capacidade de aprender juntos aos outros, mas não é o que está acontecendo em nosso atual sistema de ensino. O aluno surdo é colocado na sala de aula de forma completamente dispersa.

A tarefa é criar espaços educacionais onde a diferença esteja presente, onde se possa aprender com o outro, sem que aspectos fundamentais do desenvolvimento de quaisquer dos sujeitos sejam prejudicados (CEDES, 2006, p. 181).

A escola como uma instituição formadora tem que ter a preocupação de fornecer a todos os alunos a aprendizagem de forma igualitária, independente do aluno ser ou não ouvinte. Assim o aluno Surdo não está conseguindo ter aprendizagem de forma adequada devido a vários motivos, principalmente, pela falta de estrutura pedagógica que é a base necessária para o desenvolvimento escolar do Surdo.

O aluno surdo, apesar de presente (fisicamente), não é considerado em muitos aspectos e se cria uma falsa imagem de que a inclusão é um sucesso. As reflexões apontam que a inclusão no ensino fundamental é muito restritiva para o aluno surdo, oferecendo oportunidades reduzidas de desenvolvimento de uma série de aspectos fundamentais (lingüísticas, sociais, afetivos, de identidades, entre outros) que se desenvolvem apoiados nas interações que se dão por meio da linguagem (CEDES, 2006, p.180).

A maior dificuldade do aluno Surdo na sala de aula é a questão da comunicação, a falta da linguagem leva o aluno a um total isolamento, porém o sistema inclusivo cria expectativas na qual o Surdo não consegue atingir nenhum grau de aprendizagem e com isso a política educacional faz com que a sociedade acredite que a inclusão está funcionando.

A ausência de uma linguagem compreensível no ensino de surdos sempre foi impeditivo para uma real possibilidade de desenvolvimento escolar. Por isso o uso de L.S pelas escolas é uma reivindicação mais do que justa, uma vez que ela permitirá aos surdos o direito de serem humanos, no máximo que isso possa significar, desenvolvendo suas capacidades reflexivas, críticas, enquanto sujeito de seu próprio saber (DOZIART, 2009, p. 86).

Sabemos que a comunicação é necessária para o desenvolvimento da aula e a interação do aluno na sala, tanto na questão docente-discente como discente-discente, no entanto, isso não tem acontecido para o Surdo, ou melhor, à inserção deste aluno não tem sido favorável para sua vida escolar, deste modo, o Surdo é colocado na sala de aula apenas para cumprir uma ideologia frustrante para este que acaba num total esquecimento em meio a outros alunos.

É na escola que as crianças aprendem ou aperfeiçoam formas de narrar de descrever, modos adequados de usar a linguagem em diferentes contextos, ampliando seu conhecimento lingüístico, e experimentam regras de convivência social, regras de formação de grupo e de valores sociais fundamentais para a adaptação na vida em sociedade (CEDES, 2006, p. 177).

Embora a escola tenha um papel de fornecer ao aluno ouvinte todos esses aperfeiçoamentos da linguagem, notamos que para o aluno Surdo é bem diferente, ele é colocado na sala de aula sem professores preparados, sem o acesso básico a sua linguagem, tornando o seu desenvolvimento cada dia mais precário, fazendo com que o aluno desconheça a sua própria capacidade de aprender.

3 METODOLOGIA

A seguir será explicitada a forma como esta pesquisa foi realizada, abordando todos os aspectos metodológicos que envolveram a pesquisa e o pesquisador.

3.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa consiste num estudo qualitativo constituído como estudo de caso. Para Robert K. Yin (1993):

Estudo de caso são expressões sinônimas que designam um método da abordagem de investigação em ciências sociais simples ou aplicadas em geral, estudos de caso se constituem na estratégia preferida quando o “como” e/ou o “por que” são as perguntas centrais, tendo o investigado um pequeno controle sobre os eventos, e quando o enfoque está em um fenômeno contemporâneo dentro de algum contexto de vida real.

3.2 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA PESQUISADA

O campo empírico, no qual a pesquisa destinou-se, foi a Escola: CEAI- Centro de Educação Integrado Dr. Elpídio de Almeida, construído em 1991, no final do primeiro mandato do então prefeito Cássio Cunha Lima. A mesma está localizada na Rua Joaquim Amorim Júnior, S/N, Bairro da Ramadinha II, Campina Grande –PB.

Mantido pela Secretaria de Educação, Esporte e Cultura, esse estabelecimento de ensino tem suas ações educativas norteadas através de dois princípios: Igualdade e Respeito, buscando através de atividades e do respeito à diversidade, promover os princípios de uma escola viva, inclusiva e ética: valorizando os princípios básicos: respeito, solidariedade, dinamismo, direitos e deveres.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

QUADROS DEMONSTRATIVO DOS FUNCIONÁRIOS

01 - ADMINISTRATIVO		
QUANTIDADE	FUNÇÃO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE
1	Gestor	Curso Superior
1	G. Adjunto	Curso Superior

02 - APOIO TÉCNICO ADMINISTRATIVO		
QUANTIDADE	FUNÇÃO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE
2	Supervisora	Curso Superior
2	Orientadora	Curso Superior
1	Secretário/a	Curso Superior

03 - CORPO DOCENTE		
POLIVALENTE	TURMAS	NÍVEL DE ESCOLARIDADE
15	1° a 5°	Curso Superior
DISCIPLINAS	TURMAS	NÍVEL DE ESCOLARIDADE
17	6° a 9°	Curso Superior

04 – APOIO		
QUANTIDADE	FUNÇÃO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE
2	Merendeira	Ensino Fundamental I
10	Aux. de Serviços Gerais	Ensino Fundamental I
2	Vigilante	Ensino Fundamental I
2	Porteiro	Ensino Fundamental II
2	Inspetor de disciplina	Ensino Médio

05 – CORPO DISCENTE		
QUANTIDADE	SALA	FAIXA ETÁRIA
575 alunos	24 salas	De 5 a 19 anos

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de um questionário auto-aplicado, de forma individual, junto à educadora baseado no tema “A Inclusão de

uma Criança Surda em uma Escola Publica de Campina Grande: Limites e Desafios” (APÊNDICE).

Neste foram feitas 8 (oito) perguntas com o objetivo de investigar como o sistema educacional tem trabalhado a questão da Inclusão destacando as dificuldades encontradas pela educadora e pela criança surda.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992):

O questionário é um instrumento de observação. Não participante baseado numa sequência de questões escritas, que são dirigidas a um conjunto de indivíduos, envolvendo as suas opiniões, representações, crenças e informações factuais, sobre eles próprios e o seu meio.

Fotografia 1 – Imagem Ilustrativa da Fachada da Escola CEAI- Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011.



Fonte: Rosana Figueiredo do Nascimento Sousa

Fotografia 2 – Imagem Ilustrativa da professora da aluna Surda da Escola CEAI - Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011.



Fonte: Rosana Figueiredo do Nascimento Sousa

Fotografia 3 – Imagem Ilustrativa da aluna Surda com a Diretora da Escola CEAI - Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011.



Fonte: Rosana Figueiredo do Nascimento Sousa

Fotografia 4 – Imagem Ilustrativa da sala de aula da aluna Surda da Escola CEAI - Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011.



Fonte: Rosana Figueiredo do Nascimento Sousa

Fotografia 5 – Imagem Ilustrativa da aluna Surda em sala de aula na Escola CEAI - Centro de Educação Integrados Dr. Elpídio de Almeida. Campina Grande, 2011.



Fonte: Rosana Figueiredo do Nascimento Sousa

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao perguntarmos desde quando essa escola trabalha com criança Surda, a professora nos informou que desde 2005, porém nos relata que nem todos os educadores aceita, mesmo que a lei obrigue-os, como podemos observar em nosso contexto a questão da inclusão é para muitos um problema complexo, pois nem todos conhecem. Inclusão não é só colocar o aluno Surdo em sala de aula, inclusão é dar suporte para que seja possível uma educação de qualidade. Em nossa segunda questão perguntamos se a professora se considera preparada para trabalhar com criança Surda, sua resposta foi direta, ela nos informou que não, pois não tinha libras e nem tampouco subsídios para isso, fez apenas alguns cursos de formação com alguns seminários e com encontros a cada 15 dias. Percebemos a grande insatisfação do docente perante esta situação e isso nos leva a refletir sobre a inclusão em si.

Na pergunta seguinte indagamos sobre as dificuldades que a professora se deparou em ter uma criança com Surdez em sala de aula, nesta questão a mesma informou não ter libras, dificultando o trabalho a ser feito com a criança. Essa é uma das principais fragilidades de nosso sistema, a grande despreparação dos educadores e a falta de uma estrutura pedagógica levam os professores a uma total descrença em nossa política educacional inclusiva.

Na quarta questão averiguamos sobre a quantidade de crianças Surdas que a escola pode acolher, a resposta foi que a escola tem uma grande estrutura física, é ampla e com muitas salas, porém não disponibiliza de nenhuma estrutura pedagógica, pois não tem equipamentos, nem professores e nem interpretes. Mais uma vez observamos queixas da educadora quanto à questão da despreparação da escola. Percebe-se que a escola possui espaço adequado para receber o aluno, entretanto não possui profissionais habilitados para tal, o que acaba por fazer com que a criança fique na sala de aula sem o devido trabalho voltado para esta.

Perguntamos na quinta questão como é o relacionamento da aluna Surda com as outras crianças, a educadora nos relata que é tranquilo, eles se ajudam, tendo uma aluna em especial que consegue comunicar-se com ela através de gestos. Dessa forma, observa-se positivamente que a condição de surdez não atrapalha o convívio da mesma com as outras crianças.

No sexto quesito investigamos sobre como tem sido o desenvolvimento da criança Surda, a docente nos comunicou que a discente é muito inteligente, na matemática, faz adição, multiplicação e subtração, conseguindo ensiná-la através do material dourado, já o português a mesma tem muita dificuldade, portanto fica fora das aulas. Nota-se a grande necessidade do sistema educacional dá a este aluno as mesmas oportunidades que são dadas ao aluno ouvinte, que é ter sua primeira língua materna (Libras) e também a segunda língua, (língua Portuguesa).

Ao investigarmos a sétima questão se existe preconceito por parte dos pais das crianças ouvintes sobre a aluna Surda, a resposta foi satisfatória, pois nunca se ouviu falar em nenhum tipo de preconceito diante da mesma. Sabemos que mesmo não constatando nenhum tipo de preconceito por parte dos pais dos outros membros da escola, há uma grande necessidade de passarmos algum conhecimento da cultura surda, pois não existe preconceito para esta, mais sabemos que para nossa sociedade despreparada à surdez ainda é vista por muitos como uma deficiência, esta, precisa ser esclarecida para que todos possam conhecer o Surdo, como uma nova comunidade que precisa ser respeitada e considerada.

Na oitava questão perguntamos se a professora acredita no desenvolvimento da criança Surda sendo avaliada junto às outras crianças, a mesma informou que não, pois é impossível alfabetizá-la sem ter a língua de sinais. Esse é o ponto máximo na questão da inclusão, como ensinar o aluno Surdo sem profissionais capacitados? Será que nosso Governo está pensando nesses fatores necessários?

Sabemos que não, pois o aluno tem sido colocado de forma despreparada na sala de aula sem sequer o professor compreendê-lo, que é o mínimo que deve ser dado a este.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar essa pesquisa nota-se uma grande contradição do sistema inclusivo, apesar da nossa política educacional existente, porém falha. A escola tem recebido o aluno Surdo em sua dependência, mas observa-se através dos estudos realizados que a aprendizagem deste não vem acontecendo.

A inclusão de um aluno Surdo em uma escola regular não tem sido uma tarefa fácil para a instituição, são professores sem capacitação, salas de aula sem recursos necessários para um trabalho com sucesso.

Outro dado observado é situação do aluno Surdo em sua aprendizagem é um total descaso desta política educacional imposta por nossas leis. Diante da análise verificamos que a educadora entrevistada sente uma grande dificuldade em trabalhar com o aluno surdo, pois sua formação é fragmentada e não dispõe de conhecimento para esse novo sistema inclusivo, sistema este, que vem colocado o professor numa posição impotente perante o aluno.

Partindo desta constatação, concluímos que se faz necessário uma política educacional com um modelo inclusivo que funcione e que dê acesso ao aluno Surdo não somente no papel, como vemos em nossas instituições de ensino atual.

A inclusão vai muito além de inserir o aluno em sala de aula, incluir e fazer com o que o aluno possa ter uma aprendizagem completa com as mesmas possibilidades que são dadas ao aluno ouvinte.

Precisamos de uma política inclusiva que leve em consideração a condição do aluno, e forneça a este todo o amparado necessário para sua formação, principalmente respeitando essa nova cultura e assegurando ao Surdo o direito a sua língua oficial de sinais para que possa ter acesso comum a todos, podendo assim desenvolver seu potencial desejado.

REFERÊNCIAS

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e Avaliação na Escola de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

Cadernos Cedes/Centro de Estudos Educação e Sociedade - Vol.1, n.1 (1980)- São Paulo: Cortez; Campinas, Cedes,1980.

Case Study Research: “design and methods” Robert K. Yin. Tradução e síntese: Prof. Ricardo Lopes Pinto. Adaptação Prof. Gilberto de Andrade Martins.

DORZIAT, Ana. **Estudos Surdos diferente Olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

DORZIAT, Ana. **O outro da Educação: Pensando a Surdez com base nos Temas Identidade/Diferença, Currículos e Inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Desenvolvimento psicológico e educação/ organizado por César Coll, Álvaro Marchesi e Jesús Palacios; trad. Fátima Murad-2. ed-Porto Alegre; Artmed, 2004.3v.

JOSE, Elizabete de Assunção; COELHO, Maria Tereza. Problemas de Aprendizagem. In: **Problemas auditivos**. São Paulo: Ed. Afiliada, 2008, p. 151-152.

QUIVY, R; Campenhoudt, L (1992). **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: **Revista Nacional de Reabilitação**, ano V, n. 24, jan./ fev. 2002, p. 6-9.

SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

TERRA, Disponível em: <[<http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI3303971-EI298,00-Uso+de+remedios+sem+controle+pode+causar+surdez.html>]>. 2008. Acesso em 28 de Setembro de 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário

Campina Grande, 08 de Setembro de 2010.

O objetivo das questões apresentadas a seguir é obter informações sobre a temática desenvolvida no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Desde já, agradeço a sua colaboração.

1º) Desde quando essa escola trabalha com criança Surda?

2º) Você se considera preparada para trabalhar com criança Surda? Se não, porque?

3º) Quais são as maiores dificuldades que você se deparou hoje em ter uma criança com surdez em sua sala?

4º) A escola tem estrutura para receber quantas crianças Surdas?

5º) Como é o relacionamento deste aluno com Surdez com as outras crianças?

6º) Como tem sido o desenvolvimento da aprendizagem da criança Surda?

7º) Existe preconceito da parte dos pais de crianças ouvintes?

8º) Você acredita q essa criança terá um bom aprendizado sendo avaliada em conjunto com as outras?